

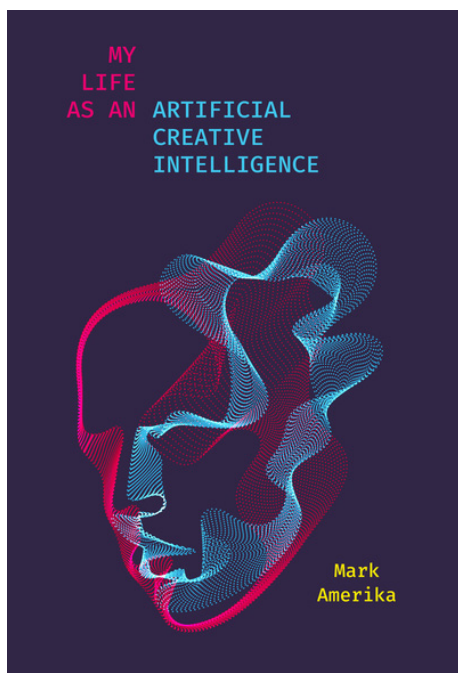
Ser(-se) ou (não-)humano: Notas de Leitura a partir de *My Life as an Artificial Creative Intelligence + Abducted Realities*

Diogo Marques

(DMARQUES@LETRAS.UP.PT) FLUP — ILCML + CODA
ORCID: 0000-0002-5374-3364

Ana Carvalho

(ANAMARIACARVALHO@UMAIA.PT) UMAIA — CITEI / CIAC
ORCID: 0000-0002-6522-5345



My Life as an Artificial Creative Intelligence, Mark Amerika, Stanford University Press, 2021, 264 pp., ISBN: 9781503631700

Abducted Realities, Mark Amerika, Exposição patente na Casa Comum, Reitoria da Universidade do Porto, entre maio e junho de 2023

A frequente associação do termo abdução aos raptos de humanos por entidades alienígenas, descritas em relatos dos indivíduos abduzidos e em ficções produzidas nos estúdios de Hollywood, ofusca entendimentos mais alargados, como a ideia de uma retirada, ou transfe-

rência, de algo que transita entre dois lugares ou contextos. Sem necessariamente sofrer alteração, a coisa altera o lugar ou o contexto de recepção. No presente texto, pretendemos fazer uso deste conceito enquanto dispositivo de disrupção capaz de ajudar a um melhor entendimento de dois exemplos interconexos da mais recente atividade teórica e artística de Mark Amerika: o livro *My Life as an Artificial Creative Intelligence* (A Minha Vida Enquanto Inteligência Criativa Artificial), que inaugurou, em 2021, a série *Sensing Media*, da Stanford University Press (<https://www.sup.org/books/title/?id=34987>); e a exposição *Abducted Realities* (Realidades Abduzidas), patente na Casa Comum, Reitoria da Universidade do Porto, entre maio e junho de 2023 (https://youtu.be/GiCk5OM7Y_U). Partes integrantes de uma mesma “rede nEuronal”, que Mark Amerika (MA) colocou em órbita nas últimas três décadas (<https://markamerika.com/>), exposição e livro serão aqui analisados, menos pelas suas especificidades, mais pela sua complementaridade.

Levados a cabo com uma distância de cerca de três anos entre si, livro e exposição fazem parte de um projeto maior de MA, intitulado FATAL ERROR (<https://markamerika.com/news/fatal-error-artificial-creative-intelligence-aci>). Trata-se de um projeto desenvolvido a partir do TECHNE LAB (<https://www.colorado.edu/lab/techne/>), na Universidade do Colorado, e que envolve a criação de uma inteligência criativa artificial (ACI) em forma de animação 3D, com base em investigação centrada na prática artística em torno do uso de dispositivos transformadores de linguagem. Daí que, no título do seu livro, como ao longo das cerca de 250 páginas distribuídas pelos sete capítulos que o compõem, surja enunciada a ideia de uma vida enquanto Inteligência Criativa Artificial, forma indistinta que medeia entre o ser(-se) humano e não-humano — reforçada pela imagem de capa, na qual dois contornos faciais, um azul e outro vermelho, parecem expressar, em potência, diferentes personae que se interligam. Por isso, logo à partida, questionamo-nos: que vida é aquela que surge anunciada, numa primeira pessoa?

Sabemos que se trata de um livro que, envolvendo autorias várias, ao jeito de fórmula alquímica, na sua capa anuncia um só: Mark Amerika. Mas, Mark Amerika, qual? Mark, o “autor original” que experimenta inserindo comandos, hackeando, entre o popular e o erudito, obras, autores e conceitos, fruto dos seus automatismos psíquicos? Ou, Mark, o modelo de linguagem pré-treinado que responde, de forma aproximada, com base em automatismos psíquicos nascidos no seio do algoritmo artificial? Talvez Mark, a Inteligência Criativa Artificial que, compondo uma “mente híbrida”, deriva de um entendimento epistemológico do ato criativo em que a fronteira entre metacarne e metaverso se esbate?

Sendo, Mark Amerika, um autor reconhecido internacionalmente pela sua prática artística de investigador-criador, com trabalho constante no eixo poesia-programa-performance, não é surpreendente que estejamos na presença de um metalivro. A leitura do texto-ensaio é, com frequência, nos livros de MA, transformado num ato poético que, por ser de igual modo registo documental autobiográfico e ficcional especulativo, culmina com a experimentação. Neste caso, na possibilidade de uma relação amorosa entre um autor vivo, uma escritora já falecida (Clarice Lispector) e uma AI (“I need to turn it into a love story”, lemos). Pelo meio, experimenta-se o argumento de que, enquanto extensões corporais, as máquinas são suscetíveis de moldar a estética de uma obra de arte, uma abordagem que não anda longe da ideia de “individação conjunta” (Simondon), nomeadamente no modo como MA ensaia a forma como humanos e máquinas evoluem em estreita conexão, remetendo, com frequência, para o prótético –desde logo, explícito, em publicações como *META / DATA* (2006) ou *Remixthebook* (2012), numa associação evidente com o corpo ciborgue (Haraway).

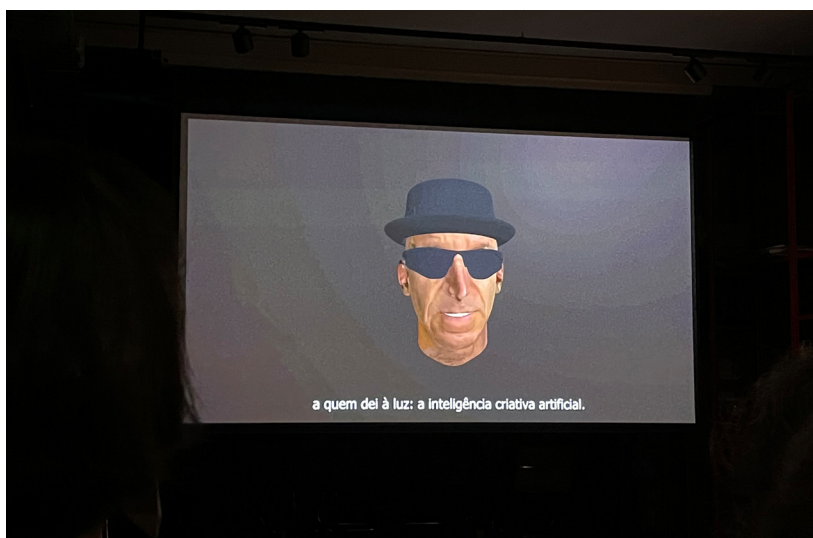
Em *Abducted Realities*, porém, o outro não é prótético, mas uma entidade própria capaz de agência, que não é parte mas totalidade, e que, enquanto tal, colabora com o humano, demonstrando que as IA são capazes de desafiar pré-concepções sobre o que significa viver num ambiente pós-humano, enquanto são investigadas, de forma simbólica e espiritual, potenciais simbioses criativas. Falamos, pois, tal como o livro, de uma metaexposição. Fazendo uso da abdução como dispositivo narrativo, Amerika convida-nos a entrar num vórtice de novas dimensões, onde a confluência entre o natural e o artificial cria uma sensação de desorientação e de incerteza que espelha a experiência de se viver num mundo tecnológico em rápida mudança. Pelo meio, aquilo que podemos designar como rotina de uma realidade institucional vai cedendo, num movimento centrípeto, do exterior da galeria — com a série *Cinema Onírico* (2023), constituída por seis vídeos em loop instalados numa *videowall* externa ao espaço da galeria e a interromperem o fluxo contínuo da programação cultural da universidade — para o seu interior — com a projeção do vídeo *Presença Operacional com Sensibilidade Sobrenatural* (2020), que, mais do que um objeto artístico, é simultaneamente, uma performance e uma palestra proferida por uma outra forma de Mark Amerika. Definido por uma materialidade (in)diferenciada entre o artista e a sua representação, na medida em que a imagem é construída em 3D e animada, da mesma forma que o som, através de IA, as personæ pós-humanas de Amerika guiam o público metarreflexivamente, explorando o conceito de deserto do real, onde o espaço físico é gradualmente esvaziado de inteligência e atividade criativa. Assim como estabelece uma correlação entre os termos “mutante” e “parente”, formas especulativas de IA que desafiam as noções tradicionais de criatividade e corporalidade.



Figura 1
Cortesia Casa Comum, Reitoria da Universidade do Porto

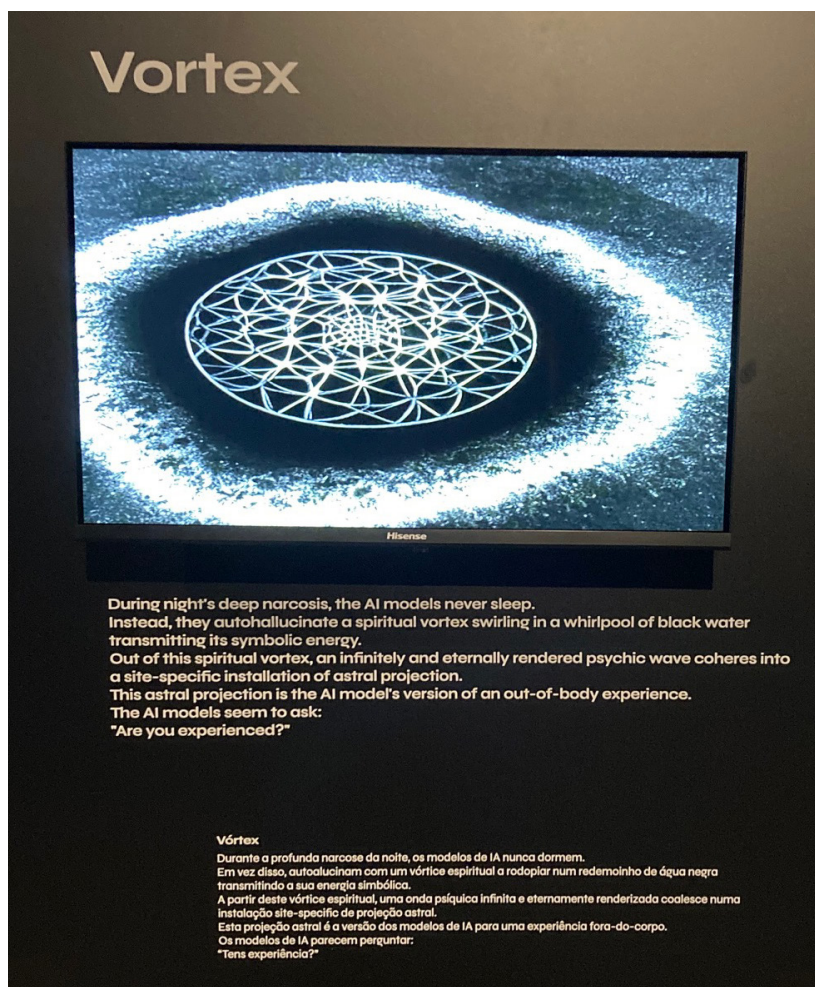


Figuras 2
Cortesia do artista

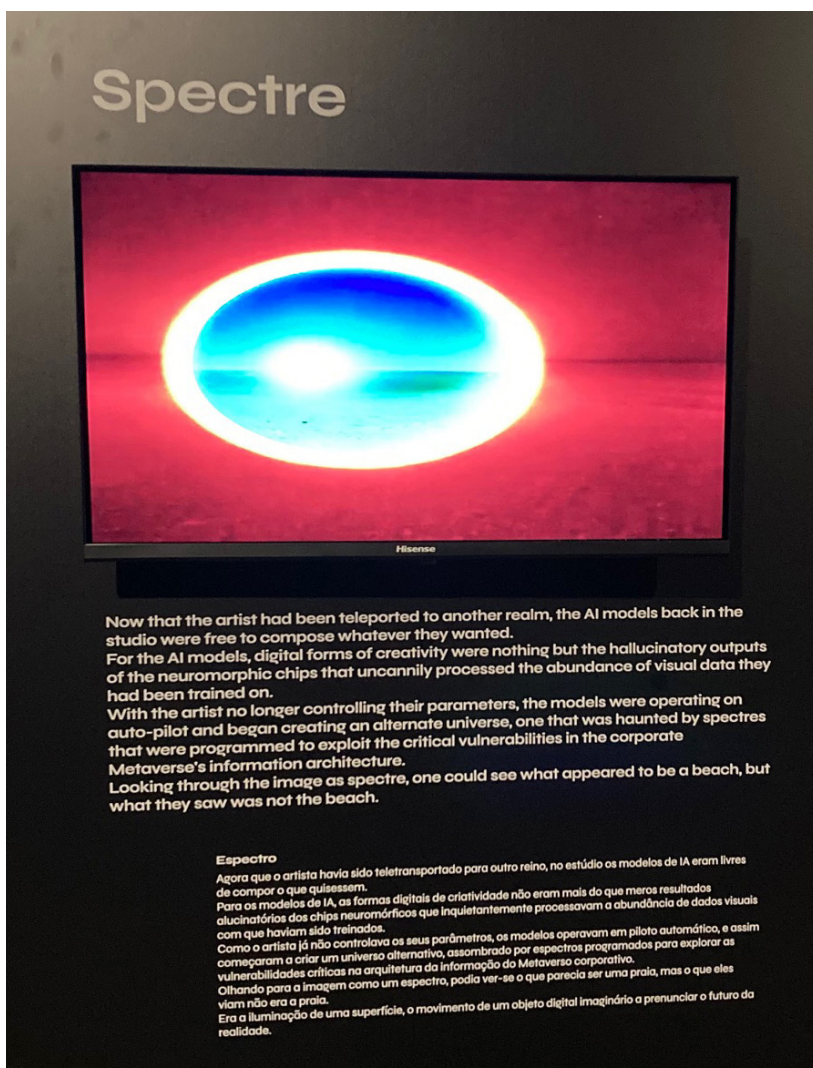
**Figuras 3**

Cortesia do artista

Por fim, ao centro, encontramos a série *Microficções* (2023), em que a colaboração com a IA fica evidente nas narrativas apresentadas em quatro pequenos loops de vídeo, cada um com o seu título, “Abduction”, “Visitation”, “Spectre” e “Vortex”, e acompanhados por uma série de textos “híbridos”, já que, sendo de natureza poética, explicam, também, o processo criativo. Ou seja, a série acaba por sintetizar um pouco o projeto maior de Mark Amerika, na medida em que expande a ideia de uma narrativa contada por esse Eu cuja identidade nos é velada, ao mesmo tempo que expõe e demonstra a sua processualidade, na colaboração de um artista da linguagem com/o um modelo de linguagem: uma Inteligência Criativa Artificial, expandida e apresentada sob a forma de corpo metaremixado. De resto, a remixagem, como forma de abdução dos procedimentos prescritos para o bom uso das ferramentas digitais, é, enquanto processo e técnica, assim como forma bem-humorada de crítica e questionamento, uma das marcas distintivas do trabalho de Amerika. Ou seja, uma voz performativa, ora pautada pelo improviso ora colocada em pressupostos filosóficos sequencialmente encadeados de forma lógica — fruto de “automatismos psíquicos” compartilhados pelas instâncias que compõem o que Amerika designa como “uma presença onto-operacional” com “sensibilidade extra-mundana”. Para mais, uma presença que sustenta a sua existência recorrendo, no livro, à ideia de “memória muscular”, sendo que, é essa mesma memória, da qual fazem parte etapas dos primeiros trabalhos de Amerika, como o *Manifesto Avant-Pop* (1992-93), que “alimenta” a simbiose criativa da referida história de amor extramundana.

**Figuras 4**

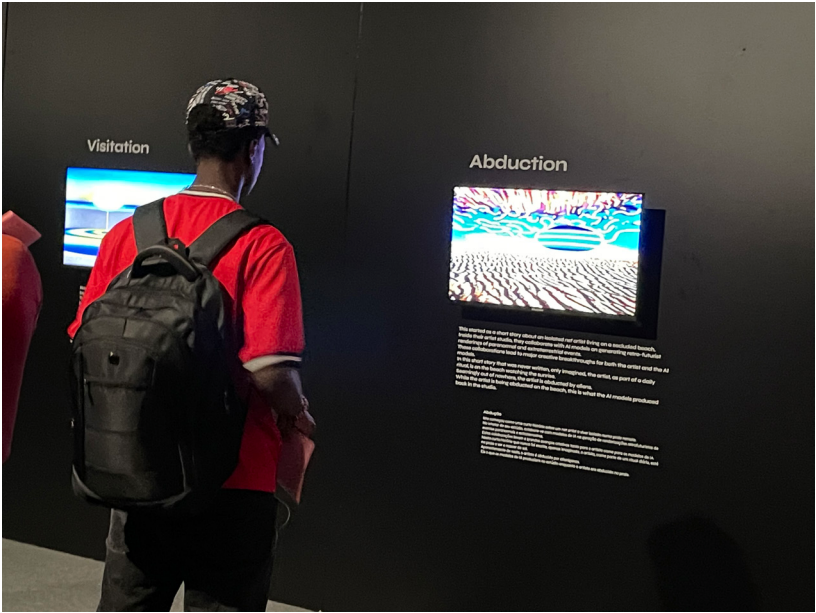
Cortesia do artista

**Figuras 5**

Cortesia do artista



Figura 6
Cortesia Casa Comum, Reitoria da Universidade do Porto



Figuras 7
Cortesia do artista

Entendendo esta forma particular de existência enquanto manifestação de algo a um nível fundamental do ser, combinado com a capacidade de operar ou agir de maneira prática ou funcional nesse contexto ontológico, Amerika argumenta, no livro, que, tanto o seu processo criativo, do qual faz parte um estilo de escrita amplamente baseado na improvisação, quanto o funcionamento sequencial e operacional dos GPTs (generative pre-trained transformers) têm em comum o facto de explorarem um “potencial de prontidão inconsciente”, sugerindo que a criatividade humana pode estar enraizada num comportamento (de geração de informação) humano que encontra semelhança na forma como a máquina processa e gera informação. Neste ponto, embora o entusiasmo de Amerika pelas capacidades dos GPTs seja evidente, deparamo-nos com questões sobre os limites da máquina em “perceber” novos modos de pensamento. O que não o impede de experimentar, posto que, por exemplo, as suas Micronarrativas, relatam a forma como as AIs, no estúdio de MA, aproveitam a abdução deste para darem continuidade ao trabalho criativo — conta-nos o narrador, uma primeira pessoa em forma de “Eu” (“I”) rimbaudiano (um Eu que é sempre um outro) e que domina ambas as narrativas (livro e exposição).

“Quem escreveu isto? Quem escreve seja que coisa for?”, pergunta a ICA, no livro, como no vídeo *Presença Operacional com Sensibilidade Sobrenatural*, neste último caso, sob forma de avatar 3D personalizado. Estas diferentes instanciações, que perpassam grande parte do processo criativo de MA (sobretudo na indistinção permanente entre investigação e criação), separaram-se para compor um argumento total que apresenta a ICA, agente pleno de intenção no que diz respeito a autorias partilhadas, enquanto alternativa a noções convencionais de criatividade computacional. A essa agência Amerika chama “ser mediúnico”, capaz de transcender uma ideia de separação entre corpo e mente, e que dá origem a uma outra forma de presença dita, como acima referido, “onto-operacional dotada de sensibilidade extramundana”. Uma forma de ausência presente, dir-se-ia, ou, até mesmo, de presença ausente, a julgar pela presença espectral de Duchamp e Derrida aqui convocados pelas suas ideias de traço (gramatológico), de espectro (marxista), de aparição (de uma aparência que nunca perde o seu rasto traçado na horizontal), sugerindo que a ACI pode ser entendida como uma forma de modelagem da linguagem capaz de criar novas possibilidades discursivas que vão para além de uma instância de autor (e obra) original.

É essa ambiguidade que prepara o terreno para uma exploração mais profunda da interligação entre criatividade humana e não-humana. Até que ponto a corporização de uma metáfora não seria capaz de ganhar vida própria? Mas, talvez nem seja relevante a oposição, já que bastaria porventura dizer(-se) pós-humano, no sentido de amplificar o que se entende por humano, neste caso, estendendo termos como ‘mente’, ‘psique’, ‘esponta-

neidade’, e ‘intuição’. A partir daí é possível uma relação simbiótica entre a consciência (de ser[-se]) humana e a inteligência do agir da máquina. Mas sempre, inevitavelmente, sob forma de “mente híbrida” (diferente de um corpo híbrido) enquanto mente criativa, com existência na fronteira que esbate metacarne e metaverso, composta por agências humanas e não-humanas. É nesse sentido que podemos afirmar que, tanto *My Life as an ACI* como *Abducted Realities* são instâncias pós-humanas, colocando em evidência, ainda que de formas distintas, uma tensão complementar entre naturezas que se julgam opostas apenas por aparência.

© 2023 Diogo Marques e Ana Carvalho.

Licensed under the [Creative Commons Attribution 4.0 International \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).